

Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade

Fausto Antônio de Azevedo

Farmacêutico-Bioquímico, USP; Especialista em Saúde Pública, USP; Mestre em Análises Toxicológicas USP; ex-Coordenador de Toxicologia da CETESB-SP; ex-Professor Titular de Toxicologia da PUC-Campinas; ex-Gerente de Vigilância Sanitária da Secretaria da Saúde-BA; ex-Presidente do CEPED-BA, ex-Subsecretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, ex-Diretor Geral do Centro de Recursos Ambientais CRA-BA; ex-Superintendente de Planejamento Estratégico do Estado da Bahia. Diretor da Intertox, Professor e co-Coordenador do curso de pós-graduação em Ciências Toxicológicas das Faculdades Oswaldo Cruz, São Paulo. Diretor da Intertox. E-mail: fausto@intertox.com.br

Em nossa época, o discurso político é em sua maioria a defesa do indefensável. ...A linguagem política – e, com variações, isso é válido para todos os partidos políticos, de conservadores a anarquistas – é destinado a fazer mentiras soarem como verdades e o assassinato parecer respeitável, assim como dar uma aparência de solidez àquilo que é puro vento.

George Orwell, *A collection of essays*,
Harcourt Brace Jovanovich, 1953.

INTRODUÇÃO

Quais seriam os subterrâneos da psique que podem justificar as atitudes presentes de extremo e alienado consumismo (que exigem uma exploração desmedida dos recursos naturais) e de descaso mesmo para com a conservação e a preservação ambientais (conforme temos reiteradamente refletido e nos preocupado¹).

Nossos problemas ecológicos se associam diretamente com a cultura contemporânea antropocêntrica e as subjetividades nela (a partir dela)

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

formatadas e suas repercussões no pós-moderno. A civilização atualⁱⁱ tem provocado sérios problemas ao ambiente na Terra e a si mesma. Ela faz isso em decorrência do seu modo de ser, pensar, agir. As causas desse seu modo operante de ação podem vir de épocas muito anteriores à história moderna, passando pela profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica. Somos portadores de instintos de violência, vontade de dominação, arquétipos sombrios que nos distanciam da boa vontade para com a vida e a natureza. É na intimidade da mente humana que nascem os processos que terminam por nos conduzir a uma luta de domínio e destruição contra a Terra, calcados que estamos, simultaneamente, no antropocentrismo (que bem já merece ser substituído por uma forma de biocentrismo inteligente) e no egocentrismo (que poderia, quem sabe, repartir diplomaticamente seu lugar com um tipo de *altercentrismo*).

A mencionada cultura contemporânea antropocêntrica, que acabou por hipertrofiar e plasmar o capitalismo como único elemento de doutrina político-econômica em todo o planeta, desaguando-o num supercapitalismoⁱⁱⁱ paradoxalmente intangível e midiático, criou também, no dizer de Félix Guattari, o *Capitalismo Mundial Integrado* (CMI), viabilizador de um modo seu e único em escala global. Esse CMI (produtor de signos, de sintaxe e de subjetividades), com sua lógica, tem gerado áreas de exclusão e pobreza social, e de destruição ambiental, pelos cinco continentes (inclusive também no seio de países ditos ricos). Adverte Guattari:

A instauração a longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece daqui em diante fazer parte integrante do monstruoso sistema de "estimulação" do Capitalismo Mundial Integrado.^{iv}

O CMI, no que tange aos segmentos supostamente incluídos, tem também criado autômatos, seres robotizados e **consumidores padronizados** que, ao mesmo tempo que são 'sócios', 'acionistas' do sistema, são seus fiéis e submissos servidores, transformados psicologicamente que foram, pela onipresente

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

cantilena da mídia, em dóceis e ávidos consumidores. Quanto a isso também nos alerta Guattari:

Assim, a subjetividade capitalística se esforça por gerar o mundo da infância, do amor, da arte, bem como **tudo o que é da ordem da angústia**, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos... É a partir dos dados existenciais mais pessoais – deveríamos dizer mesmo infra-pessoais – que o CMI constitui seus agregados subjetivos maciços, agarrados à raça, à nação, ao corpo profissional, à competição esportiva, à virilidade dominadora, à star da mídia... Assegurando-se do poder sobre o máximo de ritornelos existenciais para controlá-los e neutralizá-los, a subjetividade capitalística se enebria, se anestesia a si mesma, num sentimento coletivo de pseudo-eternidade.^v (grifo nosso)

Portanto, não se pode deixar de perceber que, intencionalmente ou não (e até que ponto será ingênuo pensar o *não?*), o sistema midiático mundial procura agir técnica e cirurgicamente no profundo de nossa psique, criando ou induzindo medos e desejos que venham a gerar práticas comportamentais desejáveis de opinião e de consumo. Se esse raciocínio for procedente (e por que o não seria?), está então a psicanálise instalada no centro de todas as tensões sociais atuais, mormente aquelas da dialética produção-consumo e seus efeitos colaterais; está instalada na base de nossas motivações comportamentais correntes e, assim, tem “tudo a ver” com o grau de impactos ambientais que causamos para atender nossos imperativos do *princípio do prazer*.

Esse o confuso e preocupante quadro que se apresenta: formas novas e tumultuadas de subjetivação, massificação extenuante do apelo ao consumo, aumento do controle da sociedade pelo estado tecnológico e invasivo, insensibilidade para com o outro, as minorias e o meio ambiente. Sem qualquer dúvida, a discussão da questão ambiental, talvez muito apropriadamente feita por especialistas das ciências e da natureza nos anos 1960 e 1970, já não é mais uma questão desses especialistas e sim de sociólogos, antropólogos, historiadores, filósofos, teólogos e... psicanalistas!

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

O pós-moderno pelo seu caráter policultural, sua multiplicidade, sua hiperinformação, serve bem à constituição de uma rede inclusiva de consumidores. E nisso está presente a dejeção dos referenciais de representação e parece, ainda, **não haver muito espaço sóciomidiático para aquilo que critica ou chama a atenção para descaminhos e necessidades de retorno.** O indivíduo pós-moderno é alvejado pesada e aleatoriamente por informações parciais, sem nunca formarem um todo, e com importantes efeitos culturais, sociais, políticos... A vida nos ares pós-modernos é um *show* permanente (mais preocupante ainda é que o espetáculo seja a vida do outro, de um *alter*, via televisão, nos programas de *realities*...) e como tal precisa ser tratada, produzida e consumida. No panorama geral não parece haver uma estética do/para o meio ambiente ou a questão ambiental. A alma da pós-modernidade vem pelas cópias e imagens do real, de objetos reais, a reprodução técnica do real, significa desfazer a diferença entre real e o imaginário, ser e aparência, vale dizer, um real mais real e mais interessante que a própria realidade, a arte sendo uma ilusão perfeita do real, levando a um paulatino esquecimento da imagem natural, da natureza, da verdade natural (aliás, verdade é algo abominado pelo pós-moderno), produzindo o distanciamento do natural, a perda dessa tão vital referência.

Por outro lado, a **Ética Ambiental** impõe que não queiramos utilizar inutilmente recursos do meio ambiente. Isto retroage a que re-examinemos aquilo que consumimos, no quê e no quanto. A ética ambiental impõe que conheçamos (cognição racional e emocional) mais a natureza. Sem querer evitar os reais benefícios das conquistas e dos avanços humanos, a ética ambiental reclama que sejamos mais cuidadosos e examinemos a fundo o que nos traz e o que não nos traz ganhos, aquilo que é só questão de fútil comodidade ou de modismo afirmante de psicologias individuais pouco seguras. Sobretudo, a ética ambiental não admite um faz-de-conta ético, como aquele da ecologia rasa e que, entre nós, tem-se tornado mais e mais rasa ainda. E mais: a ética ambiental não se

contentaria apenas em preservar a vida do planeta e a vida humana, não, como muito bem disse Hans Jonas, devemos conservar, manter, preservar a vida sim, mas a vida humana genuína!

O fato é que duas ações distintas e complementares precisam ser discutidas agudamente por toda a população mundial: de um lado, a necessidade de uma objetiva desaceleração do crescimento populacional (daí o começo que demos ao trabalho) e, por outro, **formas exeqüíveis e práticas de redução de consumo** a fim de que a pressão sobre os recursos naturais possa ser minimizada e administrada. Inegavelmente qualquer proposta séria de ‘adequação’ de consumo passará, seguramente, por uma ampla revisão de nosso modelo educacional e, também, pela busca de uma filosofia aplicável a *esse* tempo presente, porque violência, homicídios, baixo nível educacional, destruição ambiental, são, aristotelicamente falando, uma única e mesma substância que se repete nessas aparentemente distintas causas formais, de qualidade tão negativa e de expressão tão sinistra.

A necessidade humana de consumir

Uma ressalva óbvia, porém necessária. Queremos nos referir aqui ao padrão de consumo de caráter consumista. Claro está que o ser humano sempre precisará consumir para suprir suas necessidades básicas. Lembramo-nos de Maslow^{vi}. Mas todo o consumo que ultrapassa em vários degraus esse patamar notabiliza-se por ser supérfluo do ponto de vista das necessidades vitais e de conforto básico e passa a ser, por um lado conveniente ao supercapitalismo, mas por outro, de alto impacto ambiental.

Ao iniciarmos esta breve reflexão sobre o consumo queremos desde logo indicar para o leitor mais interessado a obra de Zygmunt Bauman, *Vida para*

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

consumo – A transformação das pessoas em mercadoria (Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2008. 199 p.), bem como sua entrevista^{vii} em que fundamentais aspectos da cena social e do consumo hoje, como a fragmentação, a individualização, a interdependência das sociedades, o limite de suportabilidade do planeta, a necessidade da reafirmação contínua da identidade, a (nova) privacidade, etc., a ambivalência liberdade-segurança e o mal-estar decorrente (invocando Freud), são abordados.

De quando se fez presente no planeta, depois por ele mesmo chamado de Terra, o ser humano passou a consumir: de início os recursos naturais, depois outros, para atender suas necessidades de sobrevivência, de conforto, de luxo, de ostentação e psicológicas.

Já de saída começamos por lembrar que o consumo costuma ser muito bem definido e estudado pelas Ciências Econômicas, envolvidas que estão com a realidade da aquisição de bens (os bens de consumo e os bens de capital e serviços). Nessa óptica, consumo, por definição, é a utilização, aplicação, uso ou gasto de um bem ou serviço por um indivíduo, uma comunidade, ou uma empresa. Nesse sentido o consumo representa a etapa última do processo produtivo, que se iniciou na logística, fabricação, armazenagem, embalagem, distribuição e comercialização (e produção é ao mesmo tempo consumo, como bem observou Karl Marx, havendo uma relação dialética entre os dois elementos).

Mas outras áreas do conhecimento/vida humano têm também dado cada vez mais atenção à matéria consumo, como, por exemplo, os especialistas e teóricos do *marketing*, posto que a propaganda é essencial nas sociedades capitalistas, porque seu papel é **criar nos indivíduos a ‘necessidade’ de consumir certas coisas**. O que talvez ainda esteja desbalanceado nessa equação é a quantia de tratamento filosófico – e psicanalítico! – com

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

desdobramento efetivo da matéria (em que pesem algumas reflexões muito importantes^{viii}).

Passeando-se por dicionários aprendemos que consumo^{ix} é o ato ou efeito de consumir; gasto; é a utilização de mercadorias e serviços para **satisfação das necessidades^x humanas**. Até aí nada de novo, mas quando pesquisamos com melhor vontade os resultados do ato de consumir – e olhamos isso de forma menos egoísta –, notamos que, se de um lado satisfazemos nossas necessidades e sobrevivemos, nos confortamos – e temos direito a isso (algo como o próprio direito natural à existência) –, por outro lado (ou por todos os lados...) geramos consequências fora de nós (aquelas que são forjadas dentro de nós deixemos aos psicanalistas), que precisamos reconhecer e mensurar, até mesmo pela exata questão da sobrevivência. Tanto extraímos recursos naturais, de toda sorte, quanto adicionamos ao ambiente os produtos finais de nossos processos fabris^{xi} e de nossos usos. O ambiente, portanto, relaciona-se conosco a um só tempo como doador e o receptor: doa-nos o melhor de si e recebe de nós o nosso pior... (eis outro bom ponto para aprofundamento ético).

A literatura técnica especializada (em Biologia, em Ecologia, em Zoologia, em Botânica, em Agronomia, etc.) está farta de nos mostrar que não existe a possibilidade de suporte indefinido para o crescimento populacional humano e o crescimento da vontade de consumo das populações humanas (e cabe observar que o aumento de consumo pode se dar mesmo com a diminuição de uma população, porque se trata de matéria quali-quantitativa, referente ao número total de indivíduos que consomem e também a seu padrão de consumo, o que se associa a seu grau de maturidade, consciência, evolução e poder aquisitivo...).

Não podemos nos esquivar da sensação de que o grande protagonista desse teatro de horrores que parece prestes a atingir a natureza e a nós próprios, o

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

protagonista, dizíamos, é o próprio ser humano, ou, aquilo no que ele se transformou depois de dezenas de milênios de existência e, incrível!, depois dos três mil anos de uso do pensamento, desde a mais magnífica descoberta, ou invenção, da humanidade: a da filosofia^{xii}. Tivemos que pensar muito, desde os filósofos pré-socráticos, tão preocupados com o próprio mundo natural, (i) até Sócrates que trouxe para o centro da cena do pensamento humano o próprio homem, (ii) até a assunção da confiança nesse homem e na Ciência, no Iluminismo e na Filosofia Moderna, e (iii) até a explosão de correntes na Filosofia Contemporânea, que nos levaram à formulação do capitalismo, do pragmatismo, do pragmatismo positivo, e o resultado de todo esse longo (e acumulativo?) processo deu no que deu^{xiii}, pelo menos no que tange às chances ambientais. Algum desvio houve. Alguma falta de controle houve, porque hoje não nos parece que sejamos saudáveis, nem do ponto de vista ambiental, nem do social^{xiv}.

Em vez de atestarmos essa nossa afirmação com dezenas de referências de textos de especialistas na questão ambiental, preferimos transcrever um parágrafo e meio muito sugestivos de um texto denominado *Medos de ontem e de hoje*^{xv} (o grifo é nosso) do escritor francês Jean Delumeau^{xvi}, doutor em letras e respeitado estudioso do medo humano:

“(...) de certa maneira, o medo é necessário quando se trata de uma sábia antecipação dos perigos, às vezes bem reais, que nos ameaçam. Ora, atualmente muitos dos dirigentes do planeta – chefes de Estado ou dirigentes econômicos – se recusam a olhar lucidamente o futuro e a tomar consciência do desastre ecológico que nos atinge e que diz respeito a todos nós. Desperdiçamos os recursos do planeta e nossos sucessores sofrerão as conseqüências disso. E, assim fazendo, nós aumentamos, aliás, de maneira inquietante, a poluição e, portanto, o clima do planeta. Um documentário suíço, difundido recentemente pelo canal francófono TV5, mostrou, por meio de cálculos muito simples que se 1,2 bilhões de chineses quisessem atingir dentro de 20 anos o nível de vida médio dos habitantes dos Estados Unidos, os recursos da Terra não seriam suficientes. Haveria, em escala mundial, falta de energia e falta de água; e, além do mais, uma poluição desmesurada e um acúmulo insuportável de dejetos. Estamos devidamente advertidos. Portanto é preciso que tomemos consciência dos perigos que nós mesmos criamos. Os países ricos deverão aceitar a redução de seu padrão de vida, e todos os cidadãos do mundo também deverão compreender que o planeta está frágil a partir de agora.”

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

Já que citado pelo referido autor, quanto à inquietação que a todos nos deve sobressaltar, há aquela a respeito das mudanças climáticas que, se, é verdade, inserem-se nos grandes ciclos de alterações próprias do planeta, também, tudo leva a crer, estão sendo hoje aceleradamente acentuadas pela atividade humana. Inquietação pode ser depreendida pelo exame atento da leitura do documento do IPCC: *Climate Change and Water*^{xvii}.

O que acreditamos é que houve, nesses séculos mais recentes, um pacto entre o desenvolvimento tecnológico e científico (as formas modernas de adquirilos), a lógica do lucro e as periódicas recaídas da humanidade na barbárie^{xviii}. Nesse apogeu de civilização pragmática que ora vivemos, busca-se a felicidade e o sentido na vida pelo consumo de bens materiais e culturais. Após o advento da modernidade (que não trouxe algo nocivo em si, a questão sendo sempre a aplicação prática de doutrinas e idéias), como que sepultamos o ideal clássico do *logos* como sabedoria prática, a *areté* grega ou a *virtus* latina^{xix}.

Quanto a isso, queremos invocar um pouco do pensamento dos frankfurtianos, ou, mais precisamente, de um deles, Adorno.

A filosofia desse autor fundamenta-se na perspectiva da dialética. Sua obra principal, escrita durante a segunda guerra, em colaboração com Max Horkheimer, a *Dialética do Esclarecimento* (1946), é uma crítica da razão instrumental (conceito fundamental deste último filósofo), isto é, uma crítica – que se apóia numa interpretação severa e um tanto negativa do Iluminismo – a uma civilização técnica e da lógica cultural do sistema capitalista (chamado por Adorno de "indústria cultural"). A obra critica ainda a sociedade de mercado **que não persegue outro fim que não o do progresso técnico.**

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

Segundo o autor, nossa civilização técnica atual, advinda do espírito do Iluminismo e do seu conceito de razão, não representa mais que um **domínio racional sobre a natureza**, que implica paralelamente um domínio (irracional) sobre o homem. Assim, os diferentes fenômenos de barbárie moderna (como regimes totalitários, ditaduras, o fascismo, o nazismo...), não seriam outra coisa que não mostras, e talvez as piores manifestações, desta atitude autoritária de domínio sobre o outro. Vamos adiante por nossa conta fazendo-nos lembrar que em nossa sociedade atual está cada vez mais difícil distinguir entre o lícito e o ilícito, o público e o privado, o racional e o irracional, o lógico e o confuso...

Interessa-nos, aqui, a crítica à racionalidade instrumental da sociedade contemporânea, ou, conforme Adorno e Horkheimer, o "esclarecimento irracional":

"Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também a sua relação com a verdade."^{xx}

A crítica ao esclarecimento insurge-se contra as conseqüências da racionalidade instrumental, "tecnologizante": o positivismo, o nazismo, o fascismo, o socialismo burocrático da então União Soviética. Outra crítica extremamente importante dos frankfurtianos à sociedade contemporânea é a da *Indústria Cultural*: os produtos do espírito, da arte, recaem também sob a forma de mercadorias! Aspectos da arte, como sua livre fruição, seu caráter inovativo (vanguarda), e que conduz o sujeito-observador à reflexão e crítica são perdidos. Na indústria cultural **privilegia-se o que está de acordo com o gosto-consumo-capacidade-de-deglutição geral do consumidor**, o novo só é introduzido na medida em que seja vendável – essas características tendem a levar à dominação passiva, ao conformismo dos indivíduos (à formação de rebanhos dóceis) e destroem a arte, a verdadeira arte possível. E lembremo-nos de que tanto pior tudo se torna quanto mais baixo é o nível escolar e educacional desse consumidor, ficando, portanto, mais e mais barata a produção de bens

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

culturais' de baixo custo e aumentado o lucro dos produtores. O leitor atento e sensível que acabou de pensar na *pagodelândia* nacional e nos *Rocks in Rio* está no caminho certo...

A crítica à sociedade contemporânea, nas palavras de Adorno & Horkheimer:

"O que nos propusemos, era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando na barbárie."

Na *Dialética Negativa* (1966)^{xxi}, Theodor Adorno intenta mostrar o caminho de uma reforma da razão, com o fim de libertá-la deste domínio autoritário sobre as coisas e os homens que ela carrega desde a era iluminista. Opõe-se à filosofia dialética hegeliana, que reduz ao princípio da identidade ou a sistema todas as coisas através do pensamento, superando suas contradições (critica também o **Positivismo Lógico, que deseja assenhorear-se da natureza por intermédio do conhecimento científico**), o método dialético da "não-identidade", de respeitar a negação, as contradições, o diferente, o dissonante: o respeito ao objeto, enfim, e o rechaço ao pensamento sistemático. A razão só deixa de ser dominadora se aceita a dualidade de sujeito e objeto, interrogando e interrogando-se sempre o sujeito diante do objeto, sem saber sequer se pode chegar a compreendê-lo por inteiro.

Mas não pretendemos traçar um ataque ao modo de pensar dominante na Filosofia Moderna e às crenças, até sedutoras, do Iluminismo. Deu-se, enfim, a revolução científica, depois a tecnológica, por esse caminho, e, inegavelmente, elas têm também muitos aspectos positivos. O que importa saber é como isolar tais facetas positivas e maximizá-las e como, também, bloquear as consequências negativas e neutralizá-las. Para tanto, acreditamos que seja necessário estruturar uma linha filosófica que não pode se limitar a contrapor dialeticamente argumentos e raciocínios ao pragmatismo positivo, ao liberalismo

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

e neo-liberalismo, ao capitalismo, como fizeram Adorno e outros filósofos do pós-modernismo, nem pode preconizar apenas um respeito amoroso e direto à natureza, um puro reencantamento da relação do ser humano com o natural.

Entendemos que o desafio é, a partir de todos os fatos filosóficos, históricos e sociais que já conhecemos, construir um novo homem, outra vez centrado em si, mas não como o pequeno deus, com seu poder inserido na elucidação científica da natureza e o direito de dominá-la, e sim como aquele que sabe utilizar o conhecimento científico de forma racional e moral, ética e estética, de forma filosófica, e de forma emocional, e não coloca esse poder a serviço de exploração (seja do ambiente seja dos demais homens) e sim a serviço de sua realização ulterior (quase que transcendental) como fenômeno de vida a ser elucidado permanentemente. Não é, obviamente, como demonstrado já está, com o acúmulo de bens materiais (nem mesmo culturais), que o ser humano poderá se afirmar e se distinguir em seu processo único e excepcional de existência cósmica. O acúmulo de todas as formas de poder é uma vã tentativa de preenchimento de vazios, uma busca infutífera de completude que para todo o sempre foi perdida na solução do Édipo de cada qual. Por enquanto, podemos ainda ser um pouco pacientes (isso é contestável), porque estamos na adolescência de nossa vida tecnológica. Ainda somos meninos que se deslumbram com os brinquedos e vemos nesses brinquedos um fim em si. Ainda nos encantamos com o apertar botõezinhos... Nosso primeiro grande passo, conseqüente a uma profunda reeducação, que precisará de um sistema filosófico de suporte, será nos desligarmos da tecnologia como fim em si e passá-la à categoria de apenas meio para implementação de necessidades humanas mais verdadeiras, eternas, relativas à explicação do *que*, afinal, somos e para o *quê* estamos existindo (que, imagina-se, não deve ser para que se tenha um celular ou um carro do ano...). Nisso tudo há que se fazer ainda uma forma de reconquista do aparelho psíquico,

no sentido de poder torná-lo menos vulnerável, como hoje está, aos apelos do ter (falo) e do narcisismo.

O fato é que, no momento, nessa adolescência tecnológica, o ser humano, ainda entorpecido pela cilada da má interpretação de seu poder científico e tecnológico, ainda **confundindo ser com ter**, plenitude com acúmulo, criação com fazer, esse adolescente viciou-se em consumir e, de tal forma enraizou-se nesse vício, que da droga já depende e sem ela entra em franca crise de abstinência, acreditando piamente ser inviável a vida sem os ícones (**totens**) de consumo. Consomem-se: marcas de produtos, marcas de serviços, modernidades *up-to-date* tecnológicas, estilos e comportamentos pessoais e grupais. Quem assim não o faz fica cada vez mais desintegrado, desengajado, desincluído, o que reflete profunda e negativamente em sua intimidade psicológica, a ponto de produzir-lhe mal por se acreditar um inferior ou incapaz ou incompetente – ou tudo somado. As portas que me interessam só se me abrem se eu usar tal etiqueta, tal agenda eletrônica, tal penteado, souber de tal notícia de tal articulista de tal jornal, se eu tiver assistido tal *talk-show*^{xxii} e souber pelo menos uma citação da orelha da capa de tal livro do momento. Claramente, tudo isso atende a uma estratégia da indústria global e do sistema político-econômico que a suporta. Interessante é que, em nome da sociedade (e de uma certa sociedade democrática), anula-se o indivíduo. Dentre outras consequências, por certo está que, paradoxalmente, **essa nova sociedade, assim moldada, não é a soma de seus indivíduos.**

Nesse sentido queremos transcrever o seguinte comentário do historiador e doutor em ciência política Marcelo Jasmim, discorrendo a respeito dos ‘Medos democráticos’:

“(...) o indivíduo democrático vive o contexto da fragmentação e do isolamento social. Embora zele pela sua independência individual, a dificuldade

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

de cumprir factualmente a suposição ‘cartesiana’ o dispõe a aderir às opiniões majoritárias de modo não crítico. **Sendo o enfrentamento da dúvida sem descanso uma opção terrível e afeita aos poucos espíritos capazes de suportar uma angústia permanente**, a adesão às correntes majoritárias de opinião, à moda, às vogas e padrões estéticos e intelectuais é o caminho preferido pela maioria dos mortais, pois oferece uma sensação de pertencimento à comunidade mais ampla, reduz o isolamento e a pressão moral sobre a razão individual e, conseqüentemente, a angústia democrática. Mas dessa adesão excessiva deriva a força inédita que a opinião pública, como opinião da maioria, tem nessas sociedades, o que põe em risco a independência intelectual dos indivíduos sob a pressão da massificação.”^{xxiii} (grifo nosso)

Suposição ‘cartesiana’ a que se refere o autor conota o indivíduo democrático moderno de Tocqueville. Tal indivíduo tem a necessidade permanente de submeter à dúvida e ao exame exclusivo da razão toda e qualquer informação ou proposição disponível. Como pode, nos tempos de hoje, com o incessante bombardeio de informações e de opiniões que a mídia lança sobre nós, o simples mortal exercer sua faculdade cartesiana de análise e anulação das inverdades?...

O já referido autor Zygmunt Bauman^{xxiv} desenvolve uma reflexão elegante ao longo de sua vasta obra. Para ele, o que se alterou foi a modernidade sólida, que deixa de existir, sendo substituída por uma modernidade líquida. A sólida começou com as transformações clássicas e com o surgimento de valores e modos de vida cultural e político estáveis. Na líquida, impera a volatilidade: as relações humanas não são mais tangíveis e a vida em conjunto (familiar, de casais, de grupos de amigos, de afinidades políticas e assim por diante) perde consistência e estabilidade.

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

A exacerbação crudelíssima da filosofia irrefreável de consumo é cristalizada no plano coletivo do Estado quando aquele país (e poderia ser ele qual fosse) que ocupa a categoria de maior potência econômico-militar do momento, submete toda a economia nacional e toda sua tecnologia a um esforço vão de guerra (guerra que não há), porque tal ‘esforço’ gera gastos e produção e consumo de uma ordem que atende aos grupos econômicos interessados e assim mantém girando a roda, tal como fosse um insano – e o é – moto contínuo. Bastante oportuno, quanto a essa análise, é o belíssimo texto de Robert Stam:

“O outro tipo de manobra exterior e provocadora de medo diz respeito à política externa e aos orçamentos militares. Após a vitória contra inimigos reais, na Segunda Guerra Mundial, o ‘complexo militar-industrial’ dos Estados Unidos tornou-se cada vez mais poderoso, passando a necessitar cada vez mais de inimigos, como justificativa para os imensos gastos alocados no orçamento militar. O medo, nesse sentido, serviu como combustível básico para o complexo militar-industrial. Durante quase cinquenta anos, a Guerra Fria serviu a esse propósito. Podemos observar a natureza artificial desses medos, ao lembrar que às vésperas do colapso soviético os ‘especialistas’ da direita ainda estavam advertindo para os terríveis perigos que a União Soviética representava. Após a queda do muro de Berlim, a busca voltou-se para novos inimigos, os ‘novos eixos do mal’, que pudessem justificar os gastos, que iam muito além dos gastos assumidos por qualquer outro país ou coalizão. Enquanto louvavam ‘mercados’ por princípio, o complexo construiu um sistema perfeitamente azeitado. Um Pentágono, sem auditoria – apesar da exigência constitucional – domina o país, enriquecendo aqueles que se encontram no alto da escada corporativo-militar. Nesse ponto, os exorbitantes gastos militares estão entrelaçados na trama da economia e do governo norte-americano. O sistema que gera uma necessidade estrutural por um inimigo – quer sejam eles comunistas, ou Estados fora-da-lei, ou traficantes de drogas, ou ainda o Eixo do Mal, ou terroristas. Bin Laden veio

preencher essa lacuna e forneceu a justificativa perfeita para os gastos e uma guerra sem-fim, como parte do keynesianismo dos ‘guerreiros corporativos’. A guerra declarada do governo, como indicaram muitos críticos, não é contra um país, ou uma organização, mas sim contra uma abstração, **o que traz a vantagem de nunca terminar.**”^{xxv} (grifo nosso)

Mesmo países de muito menor envergadura econômico-militar almejam, por seus governos, uma poderosa indústria bélica, e consumo mundial para seus produtos, conforme se depara da matéria veiculada em jornais brasileiros em 1º de fevereiro de 2008:

Folha de São Paulo, sexta-feira, 1 de fevereiro de 2008: *Tarso e Jobim defendem fim de tributo sobre indústria bélica* (dois Ministros do governo brasileiro, o da Justiça e o da Defesa, advogam a minimização de tributos para a indústria bélica a fim de fortalecer a exportação de armas).^{xxvi}

Obviamente que todo esse esforço humano de produção de tecnologias e de bens, seja um mero celular, seja um moderno armamento, para atender suas necessidades de prazer (liberdade) e/ou segurança, gera uma pressão concreta e definida sobre o meio ambiente e sua homeostase.

Muitos estudiosos (e principalmente os que se dedicam à compreensão e às teorias do *marketing*) têm procurado desvendar as bases filosóficas e psicológicas do consumo.

Para Moisés Efraim, por exemplo, o consumo estaria bastante vinculado à **Vontade de Potência**, princípio capital do pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

Objetivamente falando, o próprio Nietzsche afirma que “vida é Vontade de Potência”. A identidade entre vida e vontade de potência, Nietzsche chama de

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

“nova concepção” (de vida). A vontade de potência como vida é algo que quer crescer, criar, quer se realizar^{xxvii}. Os autores discutem entre si o sentido de vontade de potência. Para alguns seria vontade de domínio, poder; para outros é força plástica, de criação, com impulso para efetivar-se e, com isso, criar novas configurações em relação às demais forças. O homem é uma multiplicidade de vontades de potência, cada uma com uma multiplicidade de formas de meios de expressão, e a vida, portanto, é uma variedade de significados e perspectivas que dependem de um jogo de impulsos (o que equivaleria às pulsões no sentido freudiano): tendências ativas que aumentam o impulso de vida (ascendentes), e tendências reativas que o diminuem (descendentes). Por esse caminho chega-se a que a questão do valor é, essencialmente, a das condições de intensificação ou conservação, de aumento ou diminuição da vida (vontade de potência).

Segundo Efraim, “o consumo não passa de uma das expressões do exercício da Vontade de Poder”, ou vontade de potência. Subentende-se que pelo consumo o indivíduo estaria se diferenciando e criando sua inovação de vida, exercitando seu potencial para existir. Ademais, diz Efraim^{xxviii}:

“Um ponto de partida interessante para a demonstração da atualidade da Vontade de Poder e sua relação com o consumo é a discussão em torno da possibilidade de um “consumo responsável”. As bases científicas utilizadas para esse fim deixam subentendida a busca do que poderíamos chamar de o Ser do consumo.

O consumo não é uma coisa, mas uma das manifestações por intermédio das quais o ser humano constitui um sentido para a sua existência dando vazão ao livre exercício de sua Vontade de Poder. O impulso consumista não manifesta a necessidade de auto-afirmação social ou uma compulsão, mas uma necessidade individual e existencial de se lançar no futuro (novo) e de diferenciar a existência (diversificação) como forma de construção de um sentido para a vida sem o qual ela perderia completamente seu valor.”

A necessidade de consumo do ser humano parece estar ancorada nas seguintes potentes molas propulsoras: (i) a necessidade de sobrevivência, (ii) a vaidade, (iii) o medo. A essas três poderíamos adicionar a suposição mais psicanalítica de que o consumo, o objeto desejado de consumo, representa simbolicamente um falo com o qual o consumidor, acredita, poderá reconquistar

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

sua completude, sua plenitude. Seja como for, a filosofia (ou atitude) consumista pode estar se cristalizando numa nova ordem de posicionamento diante da vida e seus questionamentos^{xxix}.

A primeira diz respeito ao consumo daquilo que é absolutamente necessário e bastante para que se viva e, portanto, pode ser considerada como legítima, desde que o ser humano é também, legitimamente, como já foi dito, parte integrante intrínseca do grande processo universal de existência. Nessa compreensão, até um certo *quantum* (e isso pode ser polêmico), o consumo seria uma realização humana afirmativa da própria vida e, portanto, essencial à sua expressão como tal. A questão que se seguiria então seria a de fixar limites: quanto de consumo é ‘natural’, e a partir de quanto teríamos desvios de excesso ou exagero ameaçadores da própria condição de manutenção da existência? Essa tarefa é enormemente difícil e complexa.

A segunda e a terceira dizem respeito muito mais a imaginações e desvios de caráter do que a qualquer outro elemento, e podem levar ao *consumo alienado*. É possível que, a todo rigor, no fundo de uma dissecação exaustiva, o mecanismo da vaidade se confunda com o do medo. Por vaidade estamos entendendo o consumo ostentatório, desnecessário em verdade como necessidade para realização ética do ser, mas percebido como necessário pela pessoa a fim de abastecer-lhe o ego de segurança (nesse sentido, a vaidade de consumo não deixa de possuir também um componente narcísico). Quanto maior o grau de vaidade, maior a inferioridade em que a pessoa está ou se julga. A vaidade^{xxx} é uma busca de exercitação de poder, e ela pode ser extremamente sutil, tanto que às vezes chega a ser confundida com bondade. O vaidoso necessita de reconhecimento e procura a ‘arte’ da vaidade para chamar a atenção para si. A vaidade é, portanto, a posse de algo (concreto ou imaterial) que outros não têm ou não podem ter, seja em qualidade (o grande orador, por exemplo), seja em quantidade (o milionário). Para poder possuir aquilo que vaidosamente a distingue, a pessoa lança-se ao

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

consumo adequado para tal meta, que lhe propiciará a realização dessa sua insuficiência, ou pendência, psíquica.

Conveniente notar que o filósofo Jean Baudrillard entende que a lógica do consumo se baseia na impossibilidade de que todos consumam, o que torna nosso momento presente mais maldoso ainda, pois subentende necessárias as hordas de excluídos. Segundo Baudrillard, o consumo atua remarcando a diferença entre os indivíduos, pois só faz sentido alguém querer/consumir um automóvel de luxo se poucos o puderem conseguir, operando o objeto comprado como um *signo* da diferença de status entre as pessoas. Diz Baudrillard:

“O prazer de mudar de vestuário, de objetos, de carro, vem sancionar psicologicamente constrangimentos de diferenciação social e de prestígio.”^{xxxii}

Já o medo (os medos^{xxxiii}) pode ser de diferentes naturezas, mas, sempre, a pessoa, em última instância, acaba por percebê-lo como ameaça à sua integridade física ou psíquica, ou diretamente à sua vida. Como se sabe, o medo é necessário à manutenção da vida humana e caminha par-e-passo com nossa evolução. Contudo, além de hoje estarmos vivendo, em muitos aspectos, uma cultura do medo^{xxxiii} e do terror, as pessoas podem fantasiar medos ou hiperdimensionar medos reais e isto, por sua vez, pode redundar no mecanismo de consumo, seja para formar poupanças concretas (financeiras, de alimentos, de peças de reposição) seja para acariciar o ego frágil pela sensação da não posse e, portanto, da fraqueza.

O homem da modernidade é um ser que, estimulado pelos avanços sociais (porque eles não deixaram de acontecer), científicos (respostas, ao menos em parte, às perguntas mais básicas e angustiantes) e tecnológicos (capacidade de produzir e de alcançar), se conseguiu se liberar de mitos (restaram alguns), se

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

conseguiu se iluminar, acabou também por criar (ou reforçar) vazios para si – e vazios terríveis. O ser humano atual, que reduziu a importância de Deus (ainda que a marteladas...) e de crenças, prossegue não sabendo muito bem o que colocar no lugar do vácuo deixado pela ausência desses seus ícones. **Como têm dito alguns autores atuais da psicanálise, parece haver uma crise (de fala) do Nome do Pai.**

O matemático e pensador Blaise Pascal^{xxxiv}, já em seu tempo falava que sem Deus a alma fica vazia (e como mostra sua biografia, ele era um físico especialista em vácuo), deixando o homem desamparado frente a seu destino e ao universo. Não estamos defendendo a necessidade de alguma forma de religiosidade para dar contextura ao homem, mas sim estamos lembrando que o homem atual precisa criar valores éticos, morais, cívicos – e ambientais! – que lhe ocupem as preocupações do espírito e lhe dêem um norte seguro e limpo. E ele pode ser capaz disso. A não realização desse novo ser remete o homem à psicanálise, tal a monta de seus conflitos interiores entre a existência – que lhe é dada – e a sensação de vácuo, de vazio, de nada, que ele vive. Diz a psicanalista e poetisa Maria Rita Kehl:

“O sujeito da psicanálise é o homem sem Deus da modernidade, indefeso perante sua própria divisão subjetiva.”^{xxxv}

Essa sensação de vácuo, que nas sociedades presentes também se estende a uma percepção de ausência da lei simbolizada, ausência ou ruptura do pacto entre os indivíduos, naufrago do coletivo com hiperdimensionamento da individualidade e da competição, ou seja, um mundo sem lei no qual é muito difícil viver e sobreviver, leva-nos a um crescimento do pânico e das sociofobias, e um mecanismo compensatório para a ocupação do espírito, **o preenchimento da mente vazia e da alma expurgada é, sem dúvida, o ato de consumo,**

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

independentemente de sua real necessidade, que em esmagadora maioria, não existe. A mesma Maria Khel escreve:

“Em uma sociedade laica, a transmissão da lei poderia sustentar-se em outras formações imaginárias, **como os ideais coletivos**. Mas, no Brasil de hoje, o espaço público e o imaginário social são preenchidos pela emissão constante e indiferenciada – sem cortes significativos – de imagens televisivas e publicitárias. **A tevê é o representante do Outro na modernidade tardia**. Como o Deus cristão, ela parece onipresente, onisciente e onipotente. Mas é um outro que não fala em nome de nenhum ser imaginário, **seu mestre é o mercado, sua lei é gozo**.

Que significantes mestres regulam o gozo na sociedade atual? A potência paterna passou a ser medida pelo poder de consumo do pai real; **fica excluída, assim, a possibilidade de um pai pobre fazer-se respeitar**, mesmo nos casos em que este se apresenta, à maneira antiga, como honesto, esforçado, trabalhador. Quanto aos que têm dinheiro, estes se vêem lançados em uma negociação permanente com os filhos, em termos de: se quiser que eu te obedeça, me pague.

A publicidade demonstra constantemente que a fruição individual de um objeto de consumo (apresentado sempre como objeto do desejo) **vale mais do que todos os ideais coletivos do mundo**. Descolado de uma cadeia significativa que sustente sua função simbólica, o pai contemporâneo sente-se, com frequência, incapaz de exercer a autoridade necessária, tanto para estruturar seus filhos por meio da imposição de limites quanto para protegê-los dos riscos das faltas de limites.” (grifos nossos)^{xxxvi}

Para ficarmos por aqui, posto que essa discussão sobre consumo atual e

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

suas causas e consequências pode ser interminável, e de fato o é, dadas as intervenções de todos os aspectos (psicológicos, sociais, econômicos, políticos) envolvidos, queremos destacar que não é apenas o consumo nosso ditador contemporâneo. Outros *fenômenos*, comunicantes ao consumo, têm-nos sujeitado à neo-escravidão (às vezes sutil e imperceptível pela maioria) dos tempos presentes. Quanto a isso, vale recorrer a um trecho de uma belíssima crônica *As Árvores do Piabanha*^{xxxvii} do intelectual brasileiro Artur da Távola:

"... alertar sobre os riscos da emersão da nova patologia, do neototalitarismo expresso, no mundo contemporâneo, pelas ditaduras da ciência, da tecnologia e da economia supranacional.

Sob várias ditaduras, vivemos: a do consumo; a do lazer dirigido; das decisões econômicas; dos interesses de corporações supranacionais; dos computadores; de alimentação determinada por medições econométricas; da hiperorganização; de guerras e revoltas fomentadas pela indústria bélica sempre a ganhar dos dois lados e à custa da vida e dos ideais alheios!"

Ora, isso tudo, como já salientamos antes, e agora para completar esta citação de Artur da Távola, fecha com a necessidade – e por oportuno estarmos já em pleno gozo do século XXI – de se iniciar, seriamente, um reexame de nossos hábitos e práticas, reformulá-los de modo inteligente e honesto, uma vez que, os resultados aí estão a nos cercar, tudo faz crer que faliu, no sentido de qualidade e segurança de vida, dignidade e inclusão, "a utopia material ou científica que encantou e hipnotizou o século XX" (o mesmo Artur da Távola acima referido).

Mas, felizmente, há os que já detectaram todo esse processo e tentam expô-lo aos olhos da opinião pública: desde respeitáveis filósofos e pesquisadores (teóricos e práticos)^{xxxviii}, até jornalistas, poetas, cidadãos comuns (que são os mais incomuns de todos), ex-mandatários^{xxxix} e entidades^{xl}. Estas, por sinal, vivem promovendo eventos e divulgando notas que ou combatem ferozmente a sociedade de consumo, ou mais polidamente, circulam regras para condutas menos predadoras^{xli}. Dentre esses mensageiros da preocupação ambiental para fins objetivos de sobrevivência humana – e sobrevivência digna, é conveniente

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

citar Murray Gell-Mann^{xlii} e Nicholas Georgescu-Roegen^{xliii} (criador da chamada bioeconomia). Ambos abordam com ênfase a delicada questão da estabilização/diminuição da população mundial. Babatunde Osotimehin, na matéria *Rumo a um mundo de 7 bilhões de pessoas*, diz-nos:

“Em 31 de outubro de 2011, a população mundial atingirá 7 bilhões de pessoas. Esse marco apresenta um desafio, uma oportunidade e um convite à ação. Vivemos juntos, num planeta saudável, dependerá de nossas escolhas. Por isso, amanhã, Dia Mundial da População, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) lança a campanha mundial "7 Bilhões de Ações para um Mundo Mais Justo e Sustentável".

Atualmente, quase 78 milhões de pessoas são adicionados à população mundial a cada ano, **umentando a demanda por recursos naturais e pressionando o planeta.**

Enquanto a pobreza, a desigualdade e a pressão por recursos representam grandes desafios, o mundo está mais interligado do que nunca; temos agora uma capacidade, sem precedentes, de compartilhar ideias e de envolver comunidades em todo o mundo para resolver nossos problemas.

Reduzir as desigualdades e melhorar o padrão de vida para as pessoas hoje - bem como para gerações seguintes - exige novas formas de pensamento e cooperação global. O momento de agir é agora.”^{xliv} (grifo nosso)

De acordo com Serge Latouche^{xlv}, conhecido postulante do decrescimento, os recursos naturais são limitados, logo, não existe crescimento infinito e a melhoria das condições de vida deve ser conquistada sem aumento do consumo, e **sim pela mudança do paradigma dominante.** Apesar de o produtivismo ter sido parcialmente questionado pelos militantes do desenvolvimento sustentável, os adeptos do decrescimento têm uma crítica mais radical, pois consideram o próprio desenvolvimento sustentável como um oxímoro (figura que consiste em reunir palavras contraditórias; paradoxismo), uma contradição, entendendo que seus termos são mutuamente excludentes (pensamento que também parece ser o do filósofo brasileiro Leonardo Boff). O desenvolvimento não pode ser sustentável, porque o constante crescimento da produção de bens e serviços ocasiona também aumento do consumo de recursos naturais, apressando o seu esgotamento. Os defensores do decrescimento entendem que a "desmaterialização da economia", que se daria com a movimentação do eixo da atividade econômica para o setor terciário, menos demandante de recursos naturais e de energia, mostrou-se

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

ilusória. Para Serge Latouche, a "nova economia" é relativamente menos material, contudo, mais do que substituição da antiga economia pela nova, existem, de fato, relações de complementaridade entre ambas e, ao fim, todos os indicadores apontam que continua a crescer a extração de recursos naturais.

Segundo Latouche,

é preciso descolonizar nosso imaginário. Em especial, desistir do imaginário econômico (...) Redescobrir que a verdadeira riqueza consiste no pleno desenvolvimento das relações sociais de convívio em um mundo são, e que esse objetivo pode ser alcançado com serenidade, na frugalidade, na sobriedade, até mesmo em uma certa austeridade no consumo material, ou seja, aquilo que alguns preconizaram sob o slogan gandhiano ou tolstoísta de "simplicidade voluntária".

E,

Se você está em Roma e deve ir de trem para Turim, mas, por engano, embarca em direção a Nápoles, não basta diminuir a velocidade da locomotiva, frear ou mesmo parar. É preciso descer e pegar outro trem, na direção oposta. Para salvar o planeta e assegurar um futuro aceitável para os nossos filhos, não basta moderar as tendências atuais. É preciso sair completamente do desenvolvimento e do economicismo, assim como é preciso sair da agricultura produtivista, que é parte integrante disso, para acabar com as vacas loucas e as aberrações transgênicas.

Conforme os teóricos do decrescimento sustentável, o PIB é uma medida só parcial da riqueza e para que se recupere toda a variedade de riquezas possíveis deve-se abandonar seu uso atual. Eles propõem a utilização de outros indicadores, como: Índice de Saúde Social, índice de Desenvolvimento Humano (IDH), "pegada ecológica", etc. Entre os pressupostos da Teoria do Decrescimento estão:

- O funcionamento do sistema econômico atual depende essencialmente de recursos não renováveis e, portanto, não pode se perpetuar. As reservas de matérias-primas são limitadas, sobretudo quanto a fontes de energia, o que contradiz o princípio de crescimento ilimitado do PIB.
- Não existe evidência da possibilidade de separar crescimento econômico do aumento do seu impacto ambiental.
- A riqueza produzida pelos sistemas econômicos não consiste apenas de bens e serviços. Há outras formas de riqueza social, tais como a saúde dos ecossistemas, a qualidade da justiça e das relações entre os membros de uma sociedade, o grau de igualdade e o caráter democrático das instituições. O crescimento da riqueza

material, medido apenas por indicadores monetários pode ocorrer em detrimento dessas outras formas de riqueza.

- As sociedades ocidentais, dependentes do consumo supérfluo, em geral não percebem a progressiva perda de riquezas como a qualidade de vida e subestimam a reação das populações excluídas – a exemplo da violência nas periferias e o ressentimento em relação ao ocidente, por parte dos países que não apresentam o padrão de desenvolvimento econômico ocidental.

O consumismo contemporâneo como um neototemismo

Primeiro - Um novo superego

Nossa atual sociedade de consumo, característica, portanto, dessa fase tardia do capitalismo, a que se tem chamado de supercapitalismo^{xlvi}, sucede a sociedade de produção dos tempos primeiros do capitalismo. Wladimir Safatle, em seu artigo *Um supereu para a sociedade de consumo: sobre a instrumentalização de fantasmas como modo de socialização*^{xlvii}, comenta dessa maneira as estruturas intrínsecas dessas duas sociedades:

Sendo assim, se a lei moral que sustenta a disposição dos sujeitos em adotar certos tipos de conduta econômica é uma figura do supereu, **então a economia libidinal do capitalismo como sociedade de produção seria impensável sem o desenvolvimento de uma civilização neurótica que só poderia pensar seus processos de socialização através da instrumentalização do sentimento de culpa.** (grifo nosso)

E, no contraponto:

Assim, ao invés da sociedade da produção, devemos compreender a contemporaneidade e seus traços a partir da temática da *sociedade do consumo*, **no sentido de que problemas vinculados ao consumo acabam por direcionar todas as formas de interação social e de desenvolvimento subjetivo, assim como é o incentivo ao consumo que aparece como problema econômico central.** (grifo nosso)

Prossegue Safatle:

De uma maneira esquemática, podemos afirmar que o mundo capitalista do trabalho está vinculado à ética do ascetismo e da acumulação. O mundo do consumo pede, por sua vez, uma **ética do direito ao gozo**. Pois o que o discurso do capitalismo contemporâneo precisa é da **procura ao gozo que impulsiona a plasticidade infinita da produção das possibilidades de escolha no universo do consumo**. Ele precisa da regulação do gozo no interior de

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

um universo mercantil estruturado. Para ser mais preciso, ele precisa da instauração daquilo que Jacques Lacan chama de um “mercado do gozo”, **gozo disponibilizado através da infinitude plástica da forma-mercadoria.** (negritos nossos)

Destarte, ponto crucial na contemporaneidade, em oposição à fase inicial do capitalismo, na era da produção, é que hoje mais do que nunca o gozo é permitido e estimulado. O mesmo autor nos diz:

O que nos interessa aqui são certas consequências psíquicas desta passagem da sociedade da produção à sociedade do consumo. Jacques Lacan identificou talvez a maior delas ao insistir que a figura social dominante do supereu na contemporaneidade **não estava mais vinculada à repressão das monções pulsionais**, mas à obrigação da assunção dos fantasmas. Não mais a repressão ao gozo, mas *o gozo como imperativo*. **Daí porque ele nos lembra que o verdadeiro imperativo do supereu na contemporaneidade é: “Goza!”, ou seja, o gozo transformado em uma obrigação.** (negritos nossos)

Ainda como cita o já invocado Safatle, o psicanalista francês Lacan tem clareza da alteração dos processos de socialização na contemporaneidade e de seu impacto na estruturação do superego. Ele realça o **“grande número de efeitos psicológicos derivados do declínio social da imago paterna**. Declínio condicionado pelo retorno sobre o indivíduo de efeitos extremos do progresso social” (grifo nosso) como a “concentração econômica e as catástrofes políticas”. A questão da perda da autoridade paterna é muito devida ao impacto, no interior da família, do **desenvolvimento impessoal da grande corporação burocrática**. Impacto que faz com que a *figura paterna* (o que não é o mesmo que *função paterna*, diferença que será empregada intensamente por Lacan) seja cada vez mais: “ausente, humilhada, carente ou postiça”.^{xlviii} Porém, tal declínio da figura paterna ideal não equivale a decréscimo da pressão do supereu e de suas consequências. Lacan explicou que o declínio da imago paterna abria espaço para o advento de figuras fantasmáticas de autoridade **que se assemelhavam ao pai primevo do mito freudiano de *Totem e tabu***; ou seja, ao *pai-senhor do gozo* que pauta suas ações pela procura incessante da satisfação imediata. Então, hoje, os processos de socialização, ao que parece, não mais estão associados a

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

mecanismos de repressão, mas, pelo contrário, a mecanismos que cobram de maneira completa a gratificação irrestrita.

Contudo, lembremos que a ordem – *goza!* é impossível de ser sempre e plenamente satisfeita. E esse é o problema. O superego não tem conteúdo normativo, orientador, educativo. Não explica *como gozar* ou *qual o objeto* apropriado ao gozo. Somente diz um “Goza!” sem qualificações, um puro “não ceda em seu desejo”. Retomando Safatle, tal autor afirma:

O caráter insensato deste puro gozo fica evidente se pensarmos que toda escolha empírica de objeto é inadequada a um gozo que procura afirmar-se em sua pureza de determinações, em sua independência em relação a toda e qualquer fixação privilegiada de objetos. **Ele só pode se realizar no “infinito ruim” do consumo e da destruição incessante dos objetos**, que nada mais faz do que atualizar um excedente de gozo.^{xlix} (grifo nosso)

Segundo - Um novo totemismo

Elisabeth Roudinesco, em sua obra *Dicionário de psicanálise*, com Michel Plon, faz, no tópico *Totem e Tabu*¹, o seguinte extrato para esta obra de Freud:

Eis sua essência. Num tempo primitivo, os homens viviam no seio de pequenas hordas, cada qual submetida ao poder despótico de um macho que se apropriava das fêmeas. Um dia, os filhos da tribo, rebelando-se contra o pai, puseram fim ao reino da horda selvagem. Num ato de violência coletiva, mataram o pai e comeram seu cadáver. Todavia, depois do assassinato, sentiram remorso, renegaram sua má ação e, em seguida, inventaram uma nova ordem social, instaurando simultaneamente a exogamia (ou renúncia à posse das mulheres do clã do totem) e o totemismo, baseado na proibição do assassinato do substituto do pai (o totem). Totemismo, exogamia, proibição do incesto: foi esse o modelo comum a todas as religiões, em especial o monoteísmo.

Sob essa perspectiva, o complexo de Édipo, trazido à luz pela psicanálise, nada mais é, segundo Freud, do que a expressão dos dois desejos recalçados (desejo do incesto e desejo de matar o pai) contidos nos dois tabus próprios do totemismo: a proibição do incesto e a proibição de matar o pai-totem. Assim, ele é universal, uma vez que traduz as duas proibições fundadoras de todas as sociedades humanas.

Quando assistimos ao frenesi das pessoas comprando num *Shopping Center* não podemos deixar de pensar no que escreveu Freud em *Totem e Tabu*:

“Como vimos, os integrantes do clã, consumindo o totem, adquirem santidade; reforçam sua identificação com ele e uns com os outros. Seus sentimentos festivos e

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

tudo que deles decorre bem poderiam ser explicados pelo fato de terem incorporado a si próprios a vida sagrada de que a substância do totem constitui o veículo.”^{li}

Freud inicia o tópico sétimo da quarta parte de *Totem e Tabu (O retorno do totemismo na infância)* da seguinte forma:

Um acontecimento como a eliminação do pai primevo pelo grupo de filhos deve inevitavelmente ter deixado traços inerradicáveis na história da humanidade e, **quanto menos ele próprio tenha sido lembrado, mais numerosos devem ter sido os substitutos a que deu origem.**^{lii} (grifo nosso)

Talvez prossigamos dando origem a substitutos e talvez façamos isso hoje numa mega-escala, potencializada por toda a agressiva mídia, em proporções e intensidade que mesmo o grande psicanalista austríaco não chegou a cogitar. As massas dirigindo-se religiosamente aos santuários *Shoppings*, ordenados todos como cordeiros (quicá sob o comando de uma “mente coletiva”^{liiii}), para a refeição do objeto sagrado, bem de consumo, foco do desejo fálico de cada qual, representam, sem dúvida, a reedição *ad eternum* do gesto e depois do rito dos irmãos da horda primeva, sem que disso hoje se dêem conta, ou melhor, sem que conta se dêem conscientemente, porque como refletiu Freud:

Uma tal compreensão inconsciente de todos os costumes, cerimônias e dogmas que restaram da relação original com o pai pode ter possibilitado às gerações posteriores receberem sua herança de emoção.^{liv}

O totem está presente nos **rituais de passagem**. No ritual de passagem há morte de algo para que outro algo venha. No ritual, quando do estádio seguinte, há a imposição de novos tabus, novas regras. A ida ao *Shopping* é um ritual^{lv}, e talvez de passagem, na medida em que ao ir e fazer uma compra eu saio de um estádio, o de não consumidor, ou de não consumidor *daquilo*, e, portanto, não incluído em dado grupo (clã), para o de membro do grupo do produto tal ou da marca tal (pelo menos será assim que pensarei). Saio da condição de não *ter* e *ser* excluído daquilo para a de *ter* e *ser* incluído, e isso me impõe novas regras, como, por exemplo, a de ser fiel àquele produto, uma forma

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

de pacto religioso, divulgá-lo e cultivá-lo (enquanto me interessar, enquanto interessar ao meu gozo) como um novo totem – o totem dentro do totem...

Quinodoz, em sua obra *Ler Freud*^{1vi}, assim se refere a um determinado aspecto de *Totem e Tabu*:

A refeição totêmica e o assassinato do pai

Prosseguindo sua investigação acerca de outras características do totemismo, particularmente a suposta existência de uma “refeição totêmica” originária, Freud lança uma hipótese audaciosa segundo a qual o pai da horda primitiva teria sido morto e devorado por seus filhos na origem dos tempos, em uma refeição sacrificial: “Um dia, os irmãos expulsos se reuniram, mataram e comeram o pai, o que pôs fim à horda paterna. Reunidos, eles se tornaram valentes e puderam realizar o que cada um, tomado individualmente, teria sido incapaz de fazer”. A cerimônia de refeição totêmica das tribos primitivas seria uma lembrança comemorativa: “A refeição totêmica, que é talvez a primeira festa da humanidade, seria a reprodução e uma espécie de festa comemorativa desse ato memorável e criminoso que serviu de ponto de partida para tantas coisas: organizações sociais, restrições morais, religiões”. Tendo assim saciado seu ódio, os filhos começaram a sentir a consciência de culpa e o desejo de se reconciliarem com o pai ofendido. Desse sentimento de culpa decorreria a religião totêmica acompanhada de seus dois tabus principais, a proibição de matar o animal totem, representante do pai, e a proibição do incesto. Segundo Freud, essa consciência de culpa estaria não apenas na origem da religião totêmica, mas também na origem de todas religiões, da sociedade e da moral: “A sociedade repousa agora sobre uma falta comum, sobre um crime cometido em comum; a religião, sobre o sentimento de culpa e sobre o arrependimento; a moral, sobre as necessidades dessa sociedade, de um lado, e sobre a necessidade de expiação engendrada pelo sentimento de culpa, de outro”.

De fato, ao consumirem os produtos totêmicos (totêmicos para cada qual) do totem *Shopping Center*, as pessoas se santificam na impressão de satisfação, gozo, pelo bem adquirido, reforçam seu senso de pertencer àquele seletto clã ou a uma forma diferenciada de ser, ficam em festa por algum tempo, o júbilo pela posse do bem acalentado, seu gozo, aquilo que ele representa ou significa, enfim, parece que absorveram a substância do totem e agora estão revitalizadas, isto é, reinstalaram em si a vida, são de novo alguém, porque alcançaram o bem mágico e desejado.

Convém observar que o consumismo não se dá mais apenas no ato objetivo da compra de um bem, produto ou serviço, transação mercantil objetiva, mas

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

também pode ser percebido no empenho por se consumir uma grande marca que funcione como um próprio sobrenome, um adendo triunfal à subjetividade, tal qual se vem constatando com a disputa aguerrida de milhares de jovens, recém formados em faculdades, por pouquíssimas vagas de *trainees* em grandes organizações. Procuram eles consumir a marca, o símbolo institucional, recompor a *família* com missão, visão e valores da organização, ganhando visibilidade, como substituto de referências e valores perdidos ou não construídos, tal qual os que até então tivéramos.

Alguma conclusão

Freud, ao longo de seu trabalho de quarenta anos, chega a duas formulações muito importantes para analisar o poder na sociedade: a matriz do Édipo e o mito da transição da horda primitiva para a aliança fraterna. A partir dessas duas formulações o problema do poder na Psicanálise pode ser pensado. Para Freud, a entrada da criança (vista como uma *tábua rasa*) na cultura é um embate forte. Há as forças da criança e há as da cultura, que disputam poder subjetivo e que deixam grandes marcas no sujeito, as quais determinarão atitudes que depois os adultos (aquelas antigas crianças) terão frente ao poder, a instituições, ao Estado, ao sistema enfim. **Portanto, é importante legitimar a Psicanálise como algo que pensa a cultura e pensa o poder**, logo não surpreende que se queira buscar na Psicanálise mais uma fonte de oferta para possíveis ações de ganho ambiental e , por essa via, civilizacional.

Ora, no que concerne ao tema do consumo, como abordado, tudo faz crer que forças poderosíssimas determinam hoje o padrão de consumo *consumista* que nossas sociedades ocidentais (e em avanço nas orientais) ostentam: (i) de um lado temos, assumidos os pensamentos de Lacan, um superego que se revolucionou e em lugar de ser uma entidade da interdição, como outrora, passou a fazer a

estimulação ao gozo, (ii) de outro lado temos uma sacralização totêmica do processo de compras, os modernos e cada vez mais luxuosos e convidativos *Shopping Centers* sendo o templo santo dessa operação (representação). No *Shopping*, os filhos – que são irmãos – compartilham da refeição totêmica simbolizada no ato da compra – comer, mastigar, deglutir, expelir, foram sutilizados pelo comprar, levar, usar, descartar. Do mesmo modo como na ritualização é preciso de tempos em tempos reproduzir a cerimônia da refeição totêmica, também cada indivíduo hoje necessitará retornar ao *Shopping* para novamente partilhar da comunhão da compra, o que convém sobremaneira ao sistema, pois o realimenta sem fim. O *Shopping* tomou o lugar do templo (da Igreja) e da Ciência (do conhecimento, do pensar), a compra o lugar da refeição totêmica (o alimento simbólico do corpo do pai), os outros compradores, ainda que anônimos e à distância, cumprem o papel dos irmãos da horda primitiva e apaziguam um pouco a enorme solidão dos indivíduos das sociedades contemporâneas. Mais atualmente ainda, a internet está ocupando, ou disputando, o lugar do templo *Shopping*. Eu consumo ‘protegido’, de casa; realizo meu ritual e celebro a cerimônia, pelo ato canibal da compra, de homenagear o pai, que um dia, na remota memória, meus antecedentes sacrificaram a fim de que tivessem acesso ao poder.

Assim, tememos que os esforços no sentido de alertar e/ou reeducar os hábitos de consumo desenvolvidos por muitas instituições e pessoas (antes mencionadas), baseados seja na argumentação, na conscientização, na dialética lógica de valores e estatísticas, seja em formas de reeducação, como a educação ambiental, bem como toda a discussão atual a respeito da sustentabilidade, **resultarão relativamente inócuos**, sem efetividade, posto que atuam na periferia e não no âmago da questão, o qual se relaciona exatamente com as tais forcas poderosíssimas de ordem psíquica profunda, talvez pulsionais diríamos.

Será o fim? O que fazer? Como despertar dessa narcose, dessa distopia?

O filósofo francês Luc Ferry^{lvii} talvez nos dê uma pista de esperança com sua proposição de uma nova forma de humanismo, a sacralidade laica do próprio homem, e a afirmação do amor^{lviii}. Possibilidade a se conferir.

Outra pista poderia ser a deduzida de Bauman, quando ele discute, em *Arte da vida*^{lix}, as formas de felicidade e aborda o binômio destino-caráter, entendendo que o caráter pode ser moldado e melhorado por nós, pois boa parte dele está sob nosso controle. O destino oferece um balizamento largo em possibilidades, mas que não controlamos; contudo, sobre tal esteio podemos implementar nosso caráter de forma a que ele seja identificável com nossa própria singularidade – e melhorá-lo em busca da decantada felicidade. Pensamos aqui se é possível moldar o caráter para que se seja feliz com menos, isto é, consumindo menos. Todavia, como se estrutura o “caráter”? O que é o caráter de cada qual? A palavra caráter (carácter em Português de Portugal) vem do latim *character*, -eris, pelo grego *kharakter*, como sinal, marca gravada; por metáfora, marca impressão ou símbolo na alma. Portanto, o caráter reúne certo conjunto de *características* de uma pessoa. Mas, entendemos, que o caráter que se definiu em alguém repousa num arcabouço psíquico profundo. Portanto, melhorar o caráter, como pensa Bauman, seria intervir nos fatores e forças que esculpiram a psique daquela pessoa. Como fazê-lo? Outra possibilidade a se conferir.

Uma pista mais antiga, que permanece vagando, seria retomarmos o Zaratustra na crença da possibilidade de reinventar o homem. A conferir também.

Já sabemos que Freud também atribuía grande valor ao peso do destino, tanto quanto sabemos da força determinante da cultura sobre a formação de cada eu. Assim, parece-nos que a tentativa a ser feita, se isso for o que como humanidade desejarmos, deva se dar pela interação da reforma da estrutura da

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

cultura e seu *modus operandi* com a perseverança individual de se autoconhecer, como possibilita o trabalho da psicanálise. Vale dizer, de um lado, como produto de grande e consciente esforço coletivo, deveríamos batalhar pela revisão de nossos hábitos sociais, econômicos e políticos, ainda que tão custoso isso pareça, direcionando-os para uma salvaguarda inteligente das chances de futuro para todos e para os próximos, e, de outro lado, necessitaríamos/necessitamos de um profundo mergulho na gênese de nossa personalidade (seus contornos e essência psíquica) a fim de nos desintoxicarmos de atos repetitivos e deletérios, que praticamos para preencher carências, mas que jamais poderão nisso ter êxito, posto que as incompletudes carenciais têm outro mecanismo genealógico e operacional, o que, se corretamente abordado, poderá nos aumentar a oportunidade de conquista da aqui idealizada transformação.

Afinal de contas, voltando à filosofia, já é bem mais do que a hora de sairmos da caverna...

Notas e Referências

ⁱ Como demonstram as seguintes iniciativas de publicações:

AZEVEDO, F.A.de, VALENÇA, M.Z. Ecofilosofia: o despertar de uma era definitiva. **Revinter Revta. Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade** v1, n1, outubro de 2008. Revista eletrônica, disponível no endereço:

<http://www.intertox.com.br/documentos/v1n1/rev-v01-n01-06.pdf>. Acessado em 03/outubro/2011.

AZEVEDO, F.A.de, VALENÇA, M.Z. Por uma ética e uma estética ambientais. **Revinter Revta. Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade** v2, n1, fevereiro de 2009. Revista eletrônica, disponível no endereço:

<http://www.intertox.com.br/documentos/v2n1/rev-v02-n01-01.pdf>. Acessado em 03/outubro/2011.

AZEVEDO, F.A.de. Liderança Ambiental – O Novo Desafio (Competência) para o Líder Empresarial. **AGIRÁS, Revta. AGIR de Ambientes e Sustentabilidade**, Vol. 1, N. 1, ago/nov, p. 37-53, 2009.

Revista eletrônica, disponível no endereço:

http://www.pratigi.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=15&tmpl=component&format=raw&Itemid=110. Acessado em 03/outubro/2011.

AZEVEDO, F.A.de. Ainda uma vez a ética e a ética ambiental. **Revinter Revta. Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, vol.3, nº2, mar/jun, 2010. p. 2-9. Revista eletrônica, disponível no endereço:

<http://www.intertox.com.br/documentos/v3n2/rev-v03-n02-01.pdf>. Acessado em 10/julho/2010

AZEVEDO, F.A.de. 80 anos depois: um mal-estar ambiental. **RevInter Revta. Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 1, p. 96-137, fev. 2011.

Revista eletrônica, disponível no endereço:

<http://www.intertox.com.br/documentos/v4n1/rev-v04-n01-06.pdf>. Acessado em 05/março/2011

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

AZEVEDO, F.A.de. Endossustentação para a sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 2, p. 164-184, jun. 2011.

Revista eletrônica, disponível no endereço: <http://intertox.com.br/documentos/v4n2/rev-v04-n02-13.pdf>.
Acessado em 03/outubro/2011

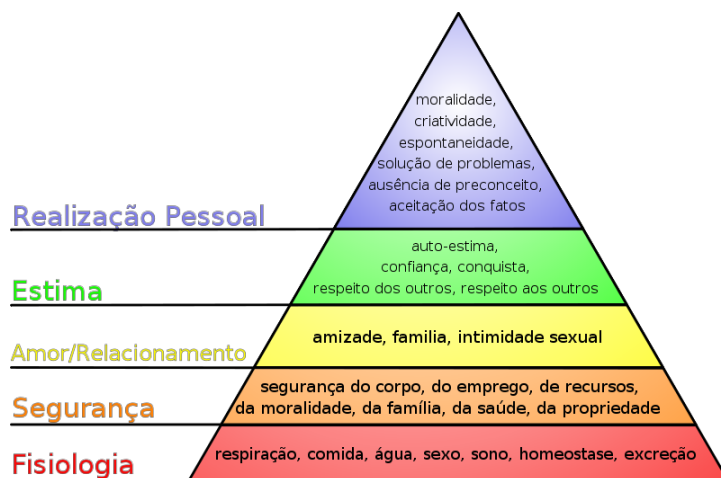
ⁱⁱ Civilização atual que por suas disparidades e diversidades de comportamento coletivo e momento histórico tem sido chamada de *do espetáculo, do narcisismo* (Lasch, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.), *do espetáculo* (Guy Ernest Debord. *A Sociedade do Espetáculo (La société du spectacle)* Paris: Gallimard, 1967.), *sociedade de risco* (Ulrich Beck. *Risk Society. Towards a new modernity*. Londres: Sage Publications, 1992), *civilização da fumaça* (Antonio Carlos Jobim), e *sociedade de consumo*, em oposição à sociedade de produção das fases iniciais do capitalismo. Somos hoje, também, uma sociedade na qual o diálogo vai ficando cada vez mais remoto, qualquer dialética parece estar muito longínqua das pessoas comuns. Alguém já disse que conversar dá trabalho e a época não é de conversar, mas sim de compartilhar: compartilhar, à distância, qualquer tipo de informação mesmo pessoal, desde que na proteção isolada do próprio quarto com seu infectível computador (vejam-se casos como os do Orkut, Facebook, etc.).

ⁱⁱⁱ A respeito, ver a obra de Robert Reich, *Supercapitalismo: como o Capitalismo tem transformado os Negócios, a Democracia e o Cotidiano*. Rio de Janeiro, Editora Campus/Elsevier, 2008. 304 p.

^{iv} GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. 11ª ed. 2001. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Revisão: Josiane Pio Romera, Regina Maria Seco e Vera Luciana Morandim. Título original em francês: *Les trois écologies*. © Éditions Galilée, 1989.] 1ª Edição eletrônica. Revisada por TupyKurumin www.tupykurumin.wd2.net . p. 12.

^v Idem, p. 34.

vi



Hierarquia de necessidades de Maslow – Pirâmide de Maslow. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Hierarquia_de_necessidades_de_Maslow. Acessado em 07/10/2011.

^{vii} Zygmunt Bauman - Fronteiras do Pensamento 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>. Acessado em 03/outubro/2011.

^{viii} Reflexões filosóficas de conteúdo a respeito do tema do consumismo podem ser lidas em: BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Edições 70, 1995. 280 p.
BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. 2ª. ed. São Paulo: Edições 70, 2007. 216 p.
HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

LORENZ, Konrad. *Civilização e pecado – os oito erros capitais do homem moderno*. São Paulo: Coleção Veja, s/d. 140 p. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

^{ix} Convém salientar que consumo é deverbal de consumir, do latim *consumere* = 'gastar', 'comer', 'destruir', 'dar cabo de', 'arruinar', que tem a mesma raiz de consunção (ou comsumpão), do latim *consumptione*. = ato ou efeito de consumir(-se), definhamento progressivo e lento do organismo humano produzido por doença.

^x Resta saber se tais necessidades são de fato essenciais para o bem-estar e a sobrevivência ou se são desejos supérfluos, relacionados a carências tolas, se é que isso pode existir, nas quais, de qualquer sorte, a pessoa fixa seu falo de maneira incontrolável.

^{xi} Veja-se por exemplo o enorme esforço que atualmente o Brasil vem fazendo para criar as condições para implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos e da lei que a sustenta, a [12.305, de 02/08/2010](#). Para mais detalhes ver: [Sancionada lei da Política Nacional Resíduos Sólidos \(PNRS\)](#)

^{xii} Nesses quase três mil anos em que o ser humano aprendeu a pensar, a sistematizar seu pensamento, e avançou mais do que nunca se comparamos este período com todo seu tempo anterior de existência, cinco principais marcos podem ser apontados como momentos ou fatos de revoluções no domínio das idéias humanas. (1) A primeira grande revolução foi nos séculos VI e V a.C., na Grécia, o surgimento da razão como um recurso para se buscar e entender a verdade. Os pensamentos e descobertas dos filósofos gregos do período nos chegaram por meio de obras pré-socráticas que sobreviveram e pelos diálogos de Platão, que, baseado em Sócrates, propôs que nossas idéias são corretas ou errôneas e, a partir disso, formulou sua Teoria das Idéias. (2) A segunda revolução deu-se apenas no séc. XVIII, pelos filósofos empiristas, na Grã-Bretanha. John Locke, George Berkeley e David Hume, a partir do método científico de seu predecessor do séc. XVII, Francis Bacon, criaram um sistema filosófico que entende que só podemos conhecer aquilo que está no terreno de nossa experiência, a qual resulta da ativação de nossos sentidos. A razão, isto é, a prática do exercício racional, por si só, não poderia descobrir nada de novo. Poderia, isto sim, rearrumar o conhecimento já fornecido/obtido pelos sentidos. (3) A terceira grande revolução não se distanciou tanto da segunda como foi o lapso de tempo desta à primeira. De fato, foram praticamente simultâneas. A partir duma pequena Königsberg, Alemanha, Immanuel Kant a provocou. Disse ele que, contrariamente à teoria platônica, não podemos penetrar na natureza intrínseca das coisas porque tudo que a mente humana apreende é moldado pelos sentidos e pelo intelecto. Assim, só conhecemos a versão antrópica das coisas, mesmo de Deus, da Virtude e da Beleza. Para Kant, quanto mais conhecemos a capacidade de nossa própria mente, mais nos aproximamos do conhecimento verdadeiro. A compreensão dos limites do nosso mundo só nos será dada pelo exame dos limites de nosso pensamento. (4) A quarta revolução veio no séc. XIX, pelo pensamento do alemão Georg Hegel, que trouxe para a filosofia as “forças históricas”. Hegel passa a estudar filosoficamente o que o homem pode vir a ser e não apenas aquilo que ele simplesmente é. Para ele, essas “forças históricas” superam a própria razão na criação de novas idéias e de novos modos de vida. No mesmo século, a revolução na forma de filosofar provocada pela dialética de Hegel, que ataca a razão a partir de cima ou de fora, foi completada por outro alemão, Friedrich Nietzsche, que *martela* a razão por meio de um apelo ao motivo, afirmando que os valores são transformados em verdade pela “Vontade de Poder (ou de Potência)” dos indivíduos e não por qualquer recurso a fatos e observação. (5) A quinta revolução, no séc. XX, vem pela postulação de que os limites do pensamento são delineados pelos limites da linguagem em que ele é desenvolvido e conduzido. O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, que inicia esse processo, e seus seguidores, dirão que os padrões para avaliação da verdade não estão nem no céu nem na intimidade da mente, mas, isto sim, na gramática da prática pública. Segundo os “filósofos analíticos”, quando os outros filósofos pensavam estar examinando a natureza das coisas, estavam, na verdade, apenas retirando palavras de seu contexto. (Nicholas Fearn. *Filosofia: novas respostas para antigas questões*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005. p. 9-10). Ainda relativamente a divisões periódicas, devemos aduzir a apresentada por Márcia Gonçalves para a Filosofia da Natureza, e que são quatro. (1) Segundo a autora, o primeiro paradigmático momento está na origem do pensamento grego (como vimos acima), no qual a concepção de *physis* ocorre em relação intrínseca com a idéia de uma ordem imanente ou uma forma de entendimento que perpassa os movimentos e processos da natureza. (2) O segundo momento, ainda na antiguidade grega, refere-se à teoria atomista para a formação da matéria, que contrasta muito com a idéia de natureza animada, concebida no mesmo período. (3) O terceiro instante, já na Idade Média, apresenta o aparecimento de uma compreensão ambígua da natureza, que a um só

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

tempo é criada por Deus mas é inabitada por ele. Tal entendimento será afrontado pela analogia da natureza a um livro sagrado capaz de revelar o divino. (4) O quarto momento virá no século XVII, sobretudo, com a cristalização de um pensar mecanicista. (Márcia Cristina Ferreira Gonçalves. *Filosofia da Natureza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 9. [Coleção Filosofia Passo-a-Passo, 67.]

^{xiii} Segundo dados da Unesco, na população mundial hoje: 50% estão mal nutridos; 70% não sabem ler; 80% vivem em condições de pobreza, e apenas 1% tem instrução universitária.

^{xiv} A esse respeito, o das dificuldades que a sociedade humana enfrenta globalmente no que concerne ao próprio convívio social entre os povos e entre os cidadãos, poder-se-ia arrolar aqui todo o permanente noticiário das guerras pelo planeta. Mas nos limitaremos, apenas como toque final do pincel na tela sinistra, a recomendar uma 'visita' a um endereço na internet, para um passeio quase que macabro, não fosse a seriedade da página e de seus autores/mantenedores: <http://www.pebodycount.com.br/home/index.php>, onde se poderá acompanhar a contagem dos homicídios diários em Recife – e não que essa bela capital seja assim diferenciada e estigmatizada em relação a nossas demais grandes cidades...

^{xv} DELUMEAU, Jean: Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, Adauto (organizador). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo, Editora Senac, 2007. p. 51.

^{xvi} Jean Delumeau nasceu em 18 de junho de 1923, em Nantes, França. É doutor em letras e um historiador especializado no cristianismo, particularmente no período da Renascença. Firmou-se como historiador com seu livro *La civilisation de la Renaissance* (1968), premiado pela Academia Francesa. O reconhecimento de seu trabalho culminou com sua eleição para o Collège de France, em 1975, e a seguir para o Institut de France, a Academia de Ciências do país. Dedicou-se, ainda, a atividades relativas à cultura da paz e da não-violência. Tem dezenas de livros publicados. Sua extensa obra se concentra no exame dos sonhos de felicidade, dos desejos e angústias no Ocidente cristão. No Brasil foram lançados: *História do medo no ocidente* (1989), *Mil anos de felicidade* (1997) e *O que sobrou do Paraíso?* (2003) pela Companhia das Letras, e *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*, pela Edusc.

^{xvii} WMO. UNEP. Intergovernmental Panel on Climate Change. IPCC: *Climate Change and Water*. junho 2008. Disponível em <http://www.ipcc.ch/pdf/technical-papers/climate-change-water-en.pdf>. Consultado em junho de 2008.

^{xviii} A respeito, é mesmo inacreditável que possa deliberadamente haver uma política do caos programado ou do desastre estratégico a fim de se vender a força de um governo, seja ele qual for, que possa reorganizar tal caos em termos de defesa e segurança de sociedades. É pena que a humanidade, com suas Sociedades de Risco, chegue a deenvolver uma tal 'expertise'. Veja-se o artigo de Paulo Arantes, *O caos como regra*, na revista *Filosofia Ciência & Vida*, Ano II, número 19, 2008, páginas 7 a 11.

^{xix} MATOS, Olgária C. F. *Theodor Adorno: o filósofo do presente..* *Psicol. Soc.*, 13 (2):142-146, jul.-dez. 2001.

^{xx} ADORNO, T., Horkheimer, M. *A dialética do esclarecimento*. 2ª. ed. Jorge Zahar Editora, 2004. 72 p.

^{xxi} ADORNO, Theodor. *Dialéctica negativa – La jerga de la autenticidad*. Trad. Alfredo Brotons Muñoz. Madrid: Akal, 2005. [*Negative dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982.]

^{xxii} A nova Ágora, como bem expõe Zygmunt Bauman na já citada entrevista *Fronteiras do Pensamento* 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>. Acessado em 03/outubro/2011.

^{xxiii} JASMIM, Marcelo. O despotismo democrático, sem medo e sem Oriente. In: In: Adauto Novaes (organizador). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo, Editora Senac, 2007. p. 129-130.

^{xxiv} Zygmunt Bauman nasceu na Polônia, em 19 de novembro de 1925. Como sociólogo, começou sua carreira na Universidade de Varsóvia, mas em 1968 foi afastado dessa instituição. Emigrou da Polônia, retomando a carreira no Canadá, Estados Unidos e Austrália. Em 1971, chegou à Grã-Bretanha, tornando-se, por vinte anos, professor titular da Universidade de Leeds. Bauman tem uma vasta obra e fez-se notado por suas análises das relações entre modernidade e o holocausto e do consumismo pós-moderno. Recebeu os prêmios Amalfi (1989, por *Modernidade e Holocausto*) e Adorno (1998, pelo conjunto de seus trabalhos). É professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia. No Brasil, tem vários livros lançados pela Jorge Zahar Editor: *Modernidade e Holocausto*; *Modernidade e Ambivalência*; *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*; *Globalização: as consequências humanas*; *Modernidade Líquida*; *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*; *Vidas Desperdiçadas*; *Vida Líquida*; *Medo líquido*; *Tempos líquidos*; etc.

^{xxv} STAM, Robert: Quem tem medo de Donald Rumsfeld. In: Novaes, ADAUTO (organizador). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo, Editora Senac, 2007. p. 78.

^{xxvi} Disponível para assinantes em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0102200806.htm>.

^{xxvii} Talvez pudéssemos arriscar aí algum paralelismo com a ideia de Pulsão de Vida de Freud.

^{xxviii} Moisés Efraym. *Filosofia do Consumo*.
http://www.mundodomarketing.com.br/2006/ver_coluna.asp?cod=2521

^{xxix} Convivendo em simultaneidade com outras ordens, como o fundamentalismo, que é um oponente do consumismo, porque ele assume que já tem a resposta fundamental da verdade e do propósito. Nesse sentido é tão contemporâneo quanto o consumismo e não um retorno à radicalização religiosa.

^{xxx} A vaidade humana foi magistralmente dissecada e exposta na obra do grande filósofo brasileiro e paulista Matias Aires: *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, surgida em 1752 com o título *Reflexões sobre a vaidade dos homens, ou, Discursos moraes sobre os efeitos da vaidade offerecidos a elrey nosso senhor D. José I.* (Lisboa : Na Officina de Francisco Luiz Ameno ..., 1752, 403 p., 24 cm.).

^{xxxi} BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Edições 70, 1995. p. 38.

^{xxxii} NOVAES, Adauto (organizador). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo, Editora Senac, 2007.

^{xxxiii} A respeito, ver a bonita participação do escritor, biólogo e jornalista moçambicano Mia Couto nas *Conferências do Estoril 2011* em <http://youtu.be/jACccaTogxE>. Acessado em 03/outubro/2011.

^{xxxiv} Blaise Pascal (Clermont-Ferrand, Puy-de-Dôme, França, 19 de junho de 1623 - Paris, 19 de agosto de 1662) foi filósofo, físico, matemático brilhante, teólogo e escritor. Como filósofo e místico, criou uma das teses mais ditas pela humanidade até hoje, *O coração tem razões que a própria razão desconhece*, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção, ou seja, a mente apenas não é capaz de penetrar a essência do conhecimento: *É o coração que sente Deus e não a razão. Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração*. Como matemático, especializou-se em cálculos infinitesimais e criou, em 1642, a *La pascaline*, máquina de somar mecânica, primeira calculadora de que se tem notícia (encontra-se no Conservatório de Artes e Medidas de Paris). Como teólogo e escritor, foi importante mestre do racionalismo e irracionalismo modernos e sua obra influenciou os fundadores da Igreja Metodista. Viajou com o pai para Rouen, onde fez as primeiras pesquisas na Física. Suas experiências sobre sons resultaram em um pequeno tratado (1634, com onze anos); no ano seguinte chegou à dedução de 32 proposições de geometria de Euclides. Em 1640, publicou *Essay pour les coniques*, com o célebre teorema de Pascal. Novamente em Paris (1647), estudando as experiências de Torricelli, enunciou os primeiros trabalhos sobre o vácuo e demonstrou as variações da pressão atmosférica. Aperfeiçoou o barômetro de Torricelli e publicou o *Traité du triangle arithmétique* (1654). Com Pierre de Fermat fixou as bases da teoria das probabilidades e da análise combinatória (1654). Por conta de uma "visão divina", deixou as ciências e se voltou exclusivamente à teologia, tendo se recolhido na abadia de Port-Royal des Champs, centro do jansenismo. Retornou às ciências em 1658, após "novo milagre". Neste período publicou suas principais obras filosófico-

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

religiosas: *Les Provinciales* (1656-1657), para defender o jansenista Antoine Arnauld, e *Pensées* (1670), sobre a espiritualidade, em que defende o cristianismo e começa seu afastamento dos jansenistas. Um dos seus estudos sobre hidrostática, *Traité de l'équilibre des liqueurs*, lançado um ano após sua morte (1663), esclareceu os princípios barométricos, da prensa hidráulica e da transmissibilidade de pressões e o princípio de Pascal, segundo o qual, em um líquido em repouso ou equilíbrio as variações de pressão transmitem-se igualmente e sem perdas para todos os pontos da massa líquida. É o princípio de funcionamento do macaco hidráulico.

^{xxxv} KEHL, Maria Rita. Elogio do medo. In: . In: Adauto Novaes (organizador). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo, Editora Senac, 2007. p. 103.

^{xxxvi} Idem, pp. 109-110.

^{xxxvii} TÁVOLA, Artur da. *Amor a sim mesmo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Crônica As Árvores do Piabanha. p. 81 e 82.

^{xxxviii} Schopenhauer antecipa a crítica à modernidade. "Somos movidos pela vontade e não pela racionalidade", criticando Hegel. Marx também antecipa tal crítica à modernidade que virá, quando, por exemplo, recusa qualquer transcendência e qualquer moralidade implícita na vida. Estão ambos, portanto, descartando qualquer idéia de finalidade da experiência humana. Freud é outro, quando mostra que nossa racionalidade e liberdade são, em última instância, condicionadas pelo imenso e desconhecido inconsciente. E Nietzsche, sem dúvidas, quando, por exemplo, indaga "como tornar-me aquilo que sou?" ou quando faz o discurso dos *últimos homens*... Já no limiar da modernidade registram-se suspeitas agudas quanto às chances de a modernidade cumprir suas esperanças e promessas. Destaquem-se agora:

CAPRA, Fritjof e outros. *Alfabetização Ecológica*. São Paulo, Cultrix, 2006. 312 p.
FURTADO, João Salvador. *Sustentabilidade Empresarial – Guia de Práticas Econômicas, Ambientais e Sociais*. Salvador: CRA-Centro de Recursos Ambientais, 2005. 188 p.

JACKSON, Tim. *Prosperity without Growth - Economics for a Finite Planet* (Prosperidade sem Crescimento: Economia para um Planeta Finito). Ver a respeito: http://www.sd-commission.org.uk/data/files/publications/prosperity_without_growth_report.pdf. Acessado em 05/10/2011.

JONAS, Hans. *The Imperative of Responsibility*. In: Search of Ethics for the Technological Age (1979). Chicago: University of Chicago Press, 1985, ©1984. ISBN: 0226405974 9780226405971.

JONAS, Hans. *Técnica e responsabilidade: reflexões sobre as novas tarefas da Ética*. In: José A. Bragança de Miranda. *Ética, medicina e técnica*. Lisboa: Editora Vega - passagens, 1994. p. 27-62.

MORAN, Emilio F. *Nós e a natureza*. São Paulo, Editora Senac. 2008. 302 p.

PELIZZOLI, Marcelo L. *A emergência do Paradigma Ecológico. Reflexões Ético-filosóficas para o Século XXI*. 2ª. ed. Editora Vozes, 1992, 160 p.

PENA-VEGA, Alfredo. *O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa*. Rio de Janeiro, Garamond, 2003. 108 p.

REES, Martin. *Hora final - Alerta de um cientista: o desastre ambiental ameaça o futuro da humanidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005. 240 p.

SERRES, Michel. *Le Contrat naturel (O contrato natural)*. Éditions Bourin, França, 1990. Em português:

- tradução de Serafim Ferriera, Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1990.
- *O Contrato Natural*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1991. 142 p.

UNGER, Nancy Mangabeira (org.). *Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico*. São Paulo, Edições Loyola, 1992. 107 p.

Interessante palestra envolvida com a questão foi proferida por Leandro Chevitarese: *Um mundo sem finalidade e que não segue uma ordem moral* – no programa da CPFL, em 3 de junho de 2011, em Campinas, e que pode ser assistida no endereço <http://www.cpfcultura.com.br/site/2011/06/03/um-mundo-sem-finalidade-e-que-nao-segue-uma-ordem-moral-%E2%80%93-leandro-chevitarese-2/>. Acessado em 12/10/2011.

^{xxxix} Conforme Eduardo Athayde (em Bolsas de "novos" valores ambientais. *Opinião*. Gazeta Mercantil - 05/05/2007): "Enquanto o governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, declara em Washington a sua nova vocação ambiental, o primeiro ministro inglês, Tony Blair, deixa o governo para dedicar-se à mesma causa. O ex-presidente soviético Michail Gorbachev criou e dirige a Green-Cross International. Na última visita a São

Paulo, o ex-presidente americano Bill Clinton revelou o que fala para o seu espelho: 'Bill, agora você é uma ONG. Está dedicado ao movimento ambiental global' ".

^{xi} Dentre outras, o Instituto Akatu (<http://www.akatu.net/>), que desde 2001 estimula o consumidor a perceber o impacto de suas ações e valorizar empresas que minimizem possíveis danos ao meio-ambiente. Pela lógica da ação, pessoas melhores informadas e mais conscientes passariam naturalmente a comprar produtos de empreendimentos sócio e ambientalmente responsáveis. Estes, por sua vez, se destacariam no mercado, forçando outras companhias a assumir a mesma postura. Outras entidades que também fazem trabalho útil e interessante no tema podem ser conhecidas em <http://www.vitaecivilis.org.br/> e <http://www.climaeconsumo.org.br/default.html>. Abolutamente digno de menção é ainda todo o trabalho do WWI – Worldwatch Institute, bem como suas publicações, com destaque, no caso em tela, para o *Estado do Mundo, 2004*, que tem como enfoque especial *A Sociedade de Consumo* (verificar em www.wwi.org.br).

^{xii} Ver, por exemplo, New Road Map Foundation – Seattle, WA, EUA, em http://www.criancaeconsumo.org.br/imprensa_menos.html

^{xiii} Murray Gell-Mann nasceu em Nova York, 15 de Setembro de 1929. Obteve o bacharelado em Ciências na Universidade de Yale, em 1948. Em 1951, doutorou-se em Filosofia, no Instituto de Tecnologia de Massachussets. Em 1969, recebeu o Prêmio Nobel da Física, por suas pesquisas em Física Quântica. Foi ele quem deu o nome às partículas menores, os Quarks, dos quais se constituem os prótons e nêutrons, até então tidos como indivisíveis. É professor emérito de física teórica do Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech). Auxiliou a fundar o Instituto Santa Fé, voltado a trabalhos teóricos de assuntos vistos como sistemas complexos em evolução: mecânica quântica, sistema imunológico dos mamíferos, evolução das línguas e economia global.

^{xiiii} Nicholas Georgescu-Roegen nasceu na Romênia, a 4 de fevereiro de 1906 e faleceu em Nashville, Tennessee, a 30 de outubro de 1994). Foi matemático, estatístico e economista. Diplomou-se em 1926, em matemática, na Universidade de Bucarest. Depois, tendo vencido um concurso, foi a Paris, onde estudou estatística e economia. Em 1930 obtém seu doutorado e vai, então, a Londres, para estudos de dois anos no University College, com Karl Pearson. In 1932, volta para sua pátria e se torna professor de estatística da Universidade de Bucarest até 1946. De 1950 a 1976 ele foi professor da Universidade Vanderbilt. Nicholas Georgescu, que foi um discípulo do renomado economista Joseph Schumpeter, fez-se muito conhecido com sua obra de 1971 *A Lei da Entropia e o Processo Econômico* (*The Entropy Law and the Economic Process*, Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts), que é considerada o livro que abre o campo da termoeconomia. Nele o autor considera que a segunda lei da termodinâmica rege também os processos econômicos (a energia livre útil tende a se dispersar ou ficar perdida na forma de “energia ligada”). Nicholas Georgescu-Roegen (bem como os estudos divulgados pelo Clube de Roma) julga haver uma impossibilidade de compatibilizar conservação ambiental e crescimento econômico. O pesquisador romeno argumentou que em um sistema fechado como a Terra, a matéria se dissipa tanto quanto a energia, e afirmou que a exaustão de recursos materiais poderia ser mais importante do que a energia para limitar o crescimento. Assim, de acordo com a lei da entropia, as atividades econômicas gradualmente transformam a energia de baixa entropia (energia livre, útil) em forma de calor tão difusa (alta entropia) que se torna inutilizável. A conclusão é que ao utilizar diversos recursos naturais na atividade econômica, muitos deles não se recuperam, o que nos deve levar a uma atitude crítica de cuidado e estudos. Dessa forma o autor colaborou enormemente para a Bioeconomia (termo cunhado num seu artigo de 1977) e para a Economia Ecológica.

^{xlv} Babatunde Osoimehin é diretor-executivo do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). Para detalhes consultar <http://www.7billionactions.org/>.

^{xlv} Serge Latouche nasceu em Vannes, França, em 12 de janeiro de 1940. É um economista e filósofo discípulo de François Partant, tendo sido membro fundador e ex-presidente da *La ligne d'horizon*, associação cujo objetivo é prosseguir as reflexões de Partant. Latouche desenvolveu trabalhos de Antropologia econômica e uma crítica à ortodoxia econômica. Denunciou o economicismo e o utilitarismo nas Ciências Sociais e combateu, por uma argumentação teórica consistente bem como por uma abordagem empírica, formada de numerosos exemplos, o conceito de desenvolvimento e as noções de eficácia e racionalidade econômica. Tem-se destacado como

opponente do consumismo e da racionalidade instrumental, contrário à ocidentalização do planeta. e vem atuando em diversas frentes na elaboração do conceito de pós-desenvolvimento. É um dos contribuintes históricos de *La Revue du MAUSS (Mouvement anti-utilitariste en sciences sociales)*, é professor emérito da Faculdade de Direito, Economia e Gestão Jean Monnet da Universidade de Paris - XI (Paris-Sud), em Sceaux, e no *Institut d'études du développement économique et social (IEDS)* de Paris, e dirige o *Groupe de Recherche en Anthropologie, Épistémologie et Économie de la Pauvreté (GRAEEP)*. Sua obra é composta por inúmeras publicações, com os seguintes lançamentos em português:

A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária. ("L'occidentalisation du monde"). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Os perigos do mercado planetário ("Les Dangers du Marché Planétaire"). Lisboa: Instituto Piaget, D.L. 1999.

Análise econômica e materialismo histórico ("Le Projet marxiste: Analyse économique et matérialisme historique"). Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

^{xlvi} Conforme já apontados na Nota III, ver Robert Reich, *Supercapitalismo: como o Capitalismo tem transformado os Negócios, a Democracia e o Cotidiano*. Rio de Janeiro, Editora Campus/Elsevier, 2008. 304 p.

^{xlvii} Vladimir Safatle é professor de filosofia da USP e organizador de "Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise" (Unesp, 2003). O artigo citado: *Um supereu para a sociedade de consumo: sobre a instrumentalização de fantasmas como modo de socialização* pode ser lido em <http://www.oocities.org/vladimirsafatle/vladi073.htm>, acessado em 25/setembro/2011.

^{xlviii} LACAN, Jacques. AE, p. 60-1.

^{xlix} Vladimir Safatle op. cit.

¹ ROUDINESCO, E., PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 758.

^{li} FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Obras Completas, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. p. 144.

^{lii} Op. cit., p. 157.

^{liii} Op. cit., p. 157.

^{liv} Op. cit., p. 160.

^{lv} Deve-se fazer uma ressalva, por certo, à situação de grandes cidades que não dispõem de recursos naturais ou equipamentos urbanos (praças, parques, jardins, etc.) suficientes e apropriados para permitir a interação/integração das pessoas. Tal realidade, evidentemente, deve cooperar de alguma maneira para a hegemonia da atração que os Shoppings acabam por exercer.

^{lvi} QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 141.

^{lvii} Luc Ferry, filósofo, nasceu em 1o. de janeiro de 1951, em Colombes, nos Hauts-de-Seine, Paris. Foi Ministro da Educação, em França, no governo de Jean-Pierre Raffarin, entre 2002 e 2004. Ferry tem sido um dos principais defensores do Humanismo Secular, visão de mundo que se contrapõe à religião, por conta de seu compromisso com o uso da razão crítica, a ética e a justiça, em vez da fé, na busca de respostas para as questões humanas mais importantes. Define a filosofia como uma soteriologia, isto é, uma doutrina da salvação. Ela é, assim, uma concorrente das grandes religiões, e não é, portanto, mais do que uma reflexão crítica. Ferry tem uma vasta produção escrita e em seu livro de 1992, *Le Nouvel Ordre écologique* (subtítulo *A árvore, o animal e o homem*), prêmio Médicis de ensaio e prêmio Jean-Jacques-Rousseau (lançado no Brasil como *A nova ordem ecológica*. São Paulo: Ensaio, 1994), ele critica certas tendências do ecologismo, em particular a Ecologia Profunda representada no pensamento dos filósofos Hans Jonas e Michel Serres. É professor de Filosofia nas universidades francesas de Lyon II, de Caen, e de Paris VII, e também um dos fundadores do Collège de Philosophie.

AZEVEDO, Fausto Antônio de. Shopping Center – Centro de Consumo Totêmico: pressão de risco à sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 3, p. 215-255, out. 2011.

^{lviii} Ver, em particular, as obras: FERRY, Luc. *Aprender a viver - Filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2007. 302 p. e FERRY, Luc. *A Revolução do Amor*. Coimbra: Editora Temas e Debates (Almedina). 2011. 480 p. Ver também palestra do autor, mediada pelo psicanalista Jorge Forbes, no Café Filosófico CPFL Especial Fronteiras do Pensamento - As transformações do mundo contemporâneo, dia 29/09/2011 na CPFL Cultura, em <http://www.cpfcultura.com.br/site/2011/09/30/cafe-filosofico-cpfl-especial-fronteiras-do-pensamento-2011-%E2%80%93-as-transformacoes-do-mundo-contemporaneo-%E2%80%93-luc-ferry-e-mediacao-de-jorge-forbes-traduzido/>. Acessado em 07/10/2011.

^{lix} BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 184 p.